

Música, jogo e poesia na educação musical escolar

Viviane Beineke



Viviane Beineke

vivibk@gmail.com

Doutora e Mestre em Música – Educação Musical – pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Curso de Licenciatura em Música e do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Autora da coleção *Canções do mundo para tocar* (2001 e 2002) e do livro/CD/CD-Rom para crianças *Lenga la Lengua: jogos de mãos e copos* (2006). Atua em temáticas relacionadas à formação de professores, produção de material didático e o ensino de música na escola básica, com ênfase na aprendizagem criativa.

Resumo: O texto discute alguns entrelaçamentos e possibilidades de diálogo entre estudos sobre as culturas lúdicas da infância e a produção de música para crianças. Com uma abordagem lúdica do ensino de música, o texto focaliza o trabalho com canções brasileiras arranjadas para jogos de copos, buscando possibilidades metodológicas que valorizem a produção musical dos alunos. O repertório abrange canções, parlendas e trava-línguas, acompanhados com materiais simples, como copos plásticos e sons corporais. Inventando novas formas de brincar e tocar as músicas, procura-se favorecer a expressão criativa e prazerosa da criança no fazer musical coletivo. Os arranjos foram concebidos para a prática musical no contexto escolar e permitem múltiplas formas de utilização em sala de aula pelo professor.

Palavras-chave: culturas musicais infantis; jogos de mãos e copos; composição musical.

Music, game and poetry in school musical education

Abstract: *The text talks about a few links and dialogue possibilities between studies on childhood ludic culture and producing music for children. With the ludic approach of music teaching, the text focuses the work with brazilian songs arranged for glasses games searching methodological possibilities which value the students musical production. The repertory has traditional songs, tongue twister and jiber-jaber along with simple materials like plastic glasses and body sounds. Creating new ways to play with music, looking for the creative and pleasant expression of children while they create songs together in a group. The arrangements were conceived to music playing at school and allow multiple ways of using it in classroom by the teacher.*

Keywords: *Children's musical culture; glasses games; musical composition.*

Se brinca um eu com um tu, que brinca com um outro eu, abre-se a janela do encontro, deixando entrar uma fresta que nos leva a um universo diverso daquele em que costumamos estar, embora estejamos no mesmo lugar.

Eugênio Tadeu Pereira



Produção de música para crianças

No campo de estudo da música para crianças, diversos autores (Bosch, 2007; Brum 2003, 2005, Burba, 2005; Gullco, 2005; Pescetti, 2005; Queiroz; Tadeu, 2003; Rescala, 2007; Sossa, 2005; Tadeu, 2005) vêm pesquisando as relações entre a produção, circulação, recepção e o consumo da música infantil, um trabalho que precisa ser ampliado, de modo a incluir a participação de compositores, intérpretes, pedagogos e educadores musicais (Gullco, 2005). Sobre isso, Jorge Enrique Sossa (2005), referindo-se aos países caribeo-latino-americanos, salienta a necessidade de serem conceitualizadas e problematizadas as propostas musicais para crianças¹.

Uma discussão central para quem produz música para crianças é o que a diferencia da música dos adultos. Procurando mapear o que faz com que as canções se tornem “infantis”, Pescetti (2005) destaca três elementos: (1) as letras referentes ao mundo infantil; (2) o trabalho com elementos musicais reduzidos/essenciais e (3) a presença do jogo. O autor enfatiza que não é necessário haver essas três características ao mesmo tempo, com a mesma densidade ou importância, porque a presença mais significativa de uma delas pode permitir que a outra receba um tratamento mais complexo. Para Pescetti (2005), o elemento mais importante na caracterização da canção infantil é a presença do jogo. O autor esclarece que a canção não precisa ser um jogo em si, mas que o compositor, o arranjador ou o intérprete tenham jogado e joguem ao compor, arranjar ou



1. Essas reflexões fazem parte do Movimento Latino-americano e Caribenho da Canção Infantil, gestado nos encontros que se realizam desde 1995 em diferentes países, com a finalidade de apresentar propostas musicais para a infância no continente. Buscando desenvolver as identidades culturais dos participantes através do intercâmbio de experiências, do conhecimento mútuo entre educadores e compositores, são elaboradas reflexões conjuntas sobre os trabalhos realizados, sempre com a preocupação em respeitar a enorme diversidade de propostas. Esse movimento caracteriza-se por resultar de uma convocatória criada por artistas, educadores, produtores e diferentes personalidades preocupadas com a qualidade musical dos trabalhos sob um enfoque educativo responsável e que não ignore o direito das crianças de construir uma identidade cultural própria (Brum, 2005).

interpretar a música; que “tenham jogado com as palavras, com a linguagem musical, com as possibilidades timbrísticas e interpretativas” (2005, p. 24). Para ele, é o caráter lúdico de uma música, ou de uma aula, ou de um programa de rádio, que permite que se mantenha o “clima infantil”, mesmo quando se apresentam materiais complexos que não são dirigidos exclusivamente às crianças.

“Há muitas canções infantis cuja música poderia ser de uma canção para adultos, como aquelas que reconhecemos como tais somente porque a letra se refere ao universo infantil. Também há outros casos de canções em que a letra e a música são para adultos, no entanto, ao permitirem jogos musicais nos arranjos e na interpretação, podem ser assimiladas pelo mundo infantil.”
(Pescetti, 2005, p. 26)



As músicas das crianças só fazem sentido quando compreendidas amplamente, o que inclui todo o contexto do brincar. Na escola, muitas vezes tal prerrogativa não é considerada, como quando são cantadas canções “do folclore” sem estabelecer relações entre o contexto cultural e social no qual ela está inserida, como ela é cantada, tocada ou brincada e quem são as pessoas que dela participam. Cantar canções tradicionais, no ensino de música, muitas vezes significa cantar temas melódicos, desconsiderando a música e o brincar como produções culturais.



Para saber mais

Para acessar canções, textos, jogos e vídeos, visite o site: www.luispescetti.com

Escola e brincadeira na sala de aula

No contexto do brincar, é importante diferenciar a brincadeira que acontece na sala de aula da brincadeira do jogo espontâneo, praticado pelas crianças sem intervenção nem orientação dos adultos. Esses jogos podem ser facilmente observados quando as crianças brincam em espaços não escolarizados, o que não diminui a importância do papel do educador em estabelecer e participar do brincar na escola. Por isso, é fundamental que os educadores reconheçam o seu papel como mediadores do brincar na educação.

As crianças não precisam saber por que brincam e o que estão aprendendo em suas brincadeiras, mas os professores precisam compreender como o brincar pode fazer

parte do seu trabalho. Brincando com as crianças, o educador tem um papel e uma função diferentes da criança que brinca. É necessário que o educador se aproprie do gesto de brincar e perceba como ele é importante para a criança, para que possa dar significado e direção ao próprio fazer de educador (Pereira, 2005a). Para a criança, a brincadeira é uma forma de expressão, e esse significado precisa estar presente também nas brincadeiras estabelecidas na escola. Se o brincar se estabelece na sala de aula apenas como ferramenta para o ensino, ele perde seu potencial criador, imaginativo, de possibilidade de expressão, reinvenção e ressignificação das suas ações.

Leite (2002) salienta que os professores também precisam brincar, para que possam assumir um caráter mediador com as crianças, ampliando o seu acervo de experiências, apresentando novos jogos ou outras regras para as brincadeiras. O adulto não brinca como uma criança, mas pode conectar-se ao universo infantil ao brincar. Por isso, brincar de maneira infantilizada reflete uma concepção ingênua de infância, que contradiz a “atitude da criança que brinca” (Pereira, 2005a, p. 25).



Para saber mais visite o Portal Cultural Infância: www.culturainfancia.com.br

Jogos de mãos e copos no ensino de música

Tais estudos nos motivaram a explorar jogos de mãos, brincadeiras cantadas, parlendas, adivinhas e trava-línguas que animam o universo infantil no projeto “Produção de Material Didático para o Ensino de Música”, do Curso de Licenciatura em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)², produzindo arranjos e composições musicais para uso dos próprios estudantes em suas práticas de ensino.



A pesquisa começou a ganhar forma quando passamos a ouvir, estudar e vivenciar brinquedos tradicionais infantis, em especial aqueles apresentados nos trabalhos de Eugênio Tadeu e Miguel Queiroz (Duo Rodapião) e Lydia Hortélio, além de jogos de mãos



2. O projeto “Produção de material didático para o ensino de música na escola” integra o Programa NEM – Núcleo de Educação Musical da Universidade do Estado de Santa Catarina (www.ceart.udesc.br/nem), um Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão que visa a formação de professores de música para a escola pública. O projeto objetiva a produção de material didático para o ensino de música na escola fundamental e, ao mesmo tempo, é uma atividade que complementa a formação do acadêmico participante, tornando-o mais crítico em relação ao material didático que utiliza e capaz de produzir seu próprio material. De caráter permanente, o projeto iniciou em 2001 sob coordenação da professora Viviane Beineke.

brincados em Florianópolis (Silva, 2004). Na busca de conhecer melhor esses trabalhos, fomos, cada vez mais, nos tornando brincantes e, como tais, nos sentindo mais livres e capacitados para criar e recriar jogos musicais infantis. Como adultos que brincam, passamos a interagir com essas manifestações, reinventando-as de diversas formas. Criando jogos de mãos e copos, explorando sonoridades percussivas com a flauta doce ou com o corpo, elaboramos acompanhamentos rítmicos, musicamos parlendas, trava-línguas e adivinhas e experimentamos outras maneiras de brincar e tocar as músicas³.

Dica

Conheça também os CDs *Abra a roda tin do lê lê*, de Lydia Hortélio (Teatro Escola Brincante) e *Pandalelê* (Selo Palavra Cantada).



Para cada música elaboramos um jogo musical que permitisse às crianças, além de cantar, participar do arranjo e brincar coletivamente, interagindo com a música de diversas formas: tocando em grupo, criando e recriando arranjos, improvisando, ouvindo e analisando. Nessas propostas, utilizamos materiais simples e acessíveis, procurando favorecer a expressão criativa e prazerosa da criança no fazer musical coletivo. Em um processo lúdico de criação, objetos do cotidiano tiveram seu uso modificado: copos plásticos e cabos de vassoura se tornaram instrumentos musicais, a flauta doce tornou-se um instrumento de percussão e sonoridades corporais foram exploradas. Experimentando novas maneiras de brincar, fomos construindo um universo de possibilidades sonoras e musicais. Assim, os movimentos da capoeira foram representados por improvisos utilizando sons do corpo; jogos de mãos imitam o toque do berimbau e os tambores do maracatu, enquanto a flauta doce, percutida, marca o tic-tac do relógio⁴.

Refletindo sobre a forma como os jogos poderiam ser apresentados aos professores, optamos por não definir detalhes de execução musical nem de arranjo. Com uma concepção de escrita musical comumente utilizada na música popular, escrevemos melodia, texto e acompanhamento das músicas, como elementos que podem desencadear o jogo, a criação de arranjos ou sua reinvenção em sala de aula, mas sem predefinir como esses elementos poderiam ser trabalhados. Nesse sentido, as brincadeiras que apresentamos são apenas pontos de partida ou referências para o trabalho do professor em



3. Um dos resultados do projeto consiste no conjunto de livro, CD e CD-ROM *Lenga la Lenga: jogos de mãos e copos*, publicado no Brasil pela Editora Ciranda Cultural (2006) e em Portugal pela Editora Foco Musical (2009). No Uruguai, CD e CD-ROM foram editados pelo selo Papagayo Azul (2007).

4. As brincadeiras musicais que deram origem aos arranjos do CD foram criadas por: Áurea Demaria Silva, Deodósio Juvenal Alves Júnior, Gabriela Flor Visnadi e Silva, Gisele Garcia Vianna, Lourdes Saraiva, Ronaldo Steiner, Thiago Paulo Mützenberg, Vanilda L. F. Macedo Godoy e Viviane Beineke. Participaram do trabalho de gravação do CD os músicos: Áurea Demaria Silva, Deodósio Juvenal Alves Júnior, Fernanda Rosa da Silva, Francisco Emilio Neis, Gabriela Flor Visnadi e Silva, Luiz Sebastião Juttel, Sérgio Paulo Ribeiro de Freitas, Vanilda L. F. Macedo Godoy e Viviane Beineke, além das crianças Bruno, Janis, João Vinícius e Yolanda.

Como brincar

Em duas rodas, uma dentro da outra, as crianças sentam-se de frente umas para as outras. Na roda de dentro as crianças tocam flauta e na de fora cada criança tem à sua frente um copo plástico. O grupo deve combinar a forma de executar a música, alternando a parte falada com o acompanhamento de copos e a parte para flauta doce. A cada repetição, o andamento vai sendo acelerado. O jogo também pode ser realizado sem a parte para flauta doce.



O jogo é construído a partir de três elementos que podem ser combinados de inúmeras maneiras, explorando sobreposições, variações de dinâmica e andamento: o texto falado, o jogo de copos e uma melodia para flauta doce, com apenas três notas. No final da brincadeira, tocando cada vez mais rápido, o jogo vai se “desmanchando”, trazendo nova sonoridade ao trabalho. E, se tudo terminar com o grupo dando risada, melhor ainda, porque então a brincadeira deu certo! A brincadeira “dá certo” quando o jogo começa a “dar errado” e não é mais possível acompanhar a música, quebrando a métrica estabelecida no jogo. Qual a graça de brincar se tudo sempre “dá certo”? A gargalhada dos participantes no final da música, com copos espalhados por todo lado, totalmente envolvidos, nos revela que a brincadeira realmente aconteceu, num fazer musical movido pela alegria plena de quem brinca “por brincar” e sem medo de errar. Como diria Pereira (2005a, p. 20), estão todos em “estado de brinquedo”. Convém salientar que na área musical, ainda tão cheia de tradicionalismos e preconceitos sobre quem pode/sabe ou não fazer música, isso é muito importante. Dessa maneira, o jogo musical favorece uma relação com o fazer musical na qual errar é permitido, porque o que convencionalmente seria um “erro” faz parte da brincadeira.

Dica

Assista a uma apresentação do *Rabo do Tatu* acessando o canal “musicanupear” no YouTube. Repare que nessa execução a cada repetição da música um dos participantes faz um improviso com os copos e depois são agregados instrumentos musicais ao arranjo.



Experimente substituir os copos por outras sonoridades, como a percussão corporal, sons vocais ou de instrumentos. Você pode propor que os alunos produzam arranjos em pequenos grupos utilizando uma variedade de recursos sonoros. A atividade também pode desencadear novas composições pelos alunos. Num primeiro momento pode ser interessante o professor oferecer algumas opções de poemas ou parlendas, como ponto de partida para as composições.



Sugestões de versos tradicionais

Puxa o rabo do tatu,
Quem saiu foi tu.
Puxa o rabo do pneu,
Quem saiu fui eu,
Puxa o rabo do diabo,
Quem saiu foi um coitado,
Puxa o rabo da panela,
Quem saiu foi ela.

Ai, bai, tai
Tonestai,
Tia, bia,
companhia.
Tamiraco,
Tico, taco
Ai, bai, puf!

Sape gato
Sape gato
Lambareiro
Tira a mão
Do açucareiro,
Tira a mão,
Tira o pé
Do açúcar,
Do café.

O macaco foi à feira
Não sabia o que comprar.
Comprou uma cadeira
Pra comadre se sentar.
A comadre se sentou,
A cadeira esborrachou.
Coitada da comadre
Foi parar no corredor.

Ene, bene, bá, tu,
Blix, blex, fora!

Uma, duna, tena, catena,
Saco de pena,
Maria Figena.

Fonte: NÓBREGA e PAMPLONA (2005).



Zabelinha

Brinquedo cantado (tradicional)
Jogo de copos: Viviane Beineke



Na canção *Zabelinha*⁵ o jogo de copos cria uma textura rítmica interessante, pois embora o acompanhamento esteja escrito em compasso binário, para ficar igual à canção, ele soa como ternário, resultando em uma polirritmia de binário com ternário. Esse tipo de relação rítmica foi observada com frequência nos jogos de mãos pesquisados por Silva (2004).

Adaptado de Beineke e Freitas (2006, p. 42).

Jogo de copos

Observe que o movimento dos copos é igual nos dois padrões do jogo de copos. Eles se diferenciam somente pela posição do copo: o primeiro padrão começa com o copo virando com a boca para baixo e no segundo padrão o copo está com a boca virada para cima.

Legenda

- X bater palma
- pegar o copo pelo fundo, segurando e levantando
- D bater a boca do copo na mão esquerda, passando-o para esta mão
- || bater uma mão no chão
- ||| bater o fundo do copo no chão
- ||| bater o fundo do copo na mão esquerda, passando-o para esta mão
- ||| bater a boca do copo no chão

Como brincar

Em roda, todos cantam a canção, passando os copos no pulso. O grupo vai acelerando o andamento, provocando o “erro”. Aqueles que “erram” vão formando uma nova roda no centro e acompanham a canção com o jogo de copos sugerido acima.



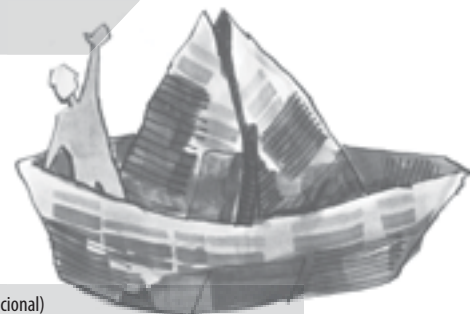
5. Canção procedente de Cuiabá, Mato Grosso, recolhida por Iris Costa Novaes e registrada pelo Duo Rodapião no CD *Dois a dois*. O termo “zabelinha” deriva de “as abelhinhas”.



Jogo de palavras

"[...] eu acho que todo poeta é apaixonado por palavras! Poeta adora mexer e brincar com elas, examinar o som e o sentido, até inventar e aprender palavras novas." (Lima, 2006, p. 43)

Ricardo da Cunha Lima dá a dica de uma brincadeira divertida: procurar palavras no dicionário e ficar atento, pois vão aparecer "palavras deliciosas que, por algum motivo, se destacam das demais: pela melodia do som, pela raridade, pelo exotismo... enfim, como acabei de dizer, palavras com um sabor especial! Aí é só aceitar o convite daquela palavra e pronto! Já entramos na terra da poesia!" (Lima, 2006, p. 44)



Marinheiro encosta o barco

Roda de verso (tradicional)
Jogo de copos: Ronaldo Steiner, Vanilda L. F. Macedo Godoy e Viviane Beineke

Ma - r - i - n - h - e - i - r - o - e - n - c - o - s - t - a - o - b - a - r - c - o - q - u - e - a - m - o - s - e - n - t - a - q - u -e -r -a - b - a -r -c -o -s
e - n - t -a - r -i -o -s - d -a - d -a -m - n -ã -o -s - d -a -c -i -d -a -d -a -s -e -n -t -a -d -a -c -i -d -a -d -a -s -e -n -t -a -d -a -c -i -d -a -d -a -s

Adaptado de Beineke e Freitas (2006, p. 38).

Legenda

- X bater palma
- pegar o copo pelo fundo, segurando e levantando
- D bater a boca do copo na mão esquerda, passando-o para esta mão
- || bater uma mão no chão
- ⌢ bater o fundo do copo na mão esquerda, passando-o para esta mão
- ⌢ bater o fundo do copo no chão
- ⌢ segurando o copo pela lateral, incliná-lo para a esquerda, riscando o chão
- ⌢ bater o canto de fundo de copo no chão
- ⌢ bater a boca do copo no chão

Jogo de copos

Como brincar

Em roda, os brincantes cantam o refrão e executam o jogo de copos, metade tocando o primeiro padrão e metade tocando o segundo. Os versos são cantados por apenas um participante; cada brincante poderá inventar um novo verso ou cantar um dos versos sugeridos abaixo.



Refrão:

Marinheiro encosta o barco
Que a morena quer embarcar
Iáíá eu não sou daqui
Eu não sou dali
Eu sou do Pará.

Quem me dera a sua mão,
Para eu dar um aperto nela,
Para ver se ainda está
Como de primeiro era.

Versos:

A maiê que enche e vaza
Deixa a praia descoberta.
Vai-se um amor e vem outro,
Nunca ví coisa tão certa.

Quem me dera, dera, dera,
Quem me dera só pra mim,
Receber do meu amor
Um galhinho de jasmim.

E você, dona Lydíá,
Passe a mão em seus cabelos,
Que do céu vem caíndo
Dois pinguinhos de água-de-cheiro.



Marinheiro encosta o barco é uma roda de verso, recolhida por Lydia Hortélio⁶. Lydia explica que as rodas de verso configuram ritos de passagem da infância para a adolescência, em que os versos são inventados pelos participantes que cantam na roda. Na versão aqui apresentada, reproduzimos os versos sugeridos por Lydia, a quem dedicamos nosso trabalho, e deixamos a sugestão de que novos versos sejam inventados ou adaptados à canção. Repare que o um dos acompanhamentos sugeridos utiliza os mesmos movimentos que o acompanhamento de *Zabelinha*, variando apenas o ritmo.



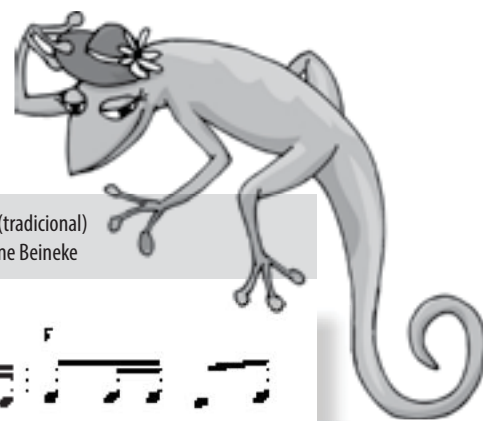
Conheça também

KATER, Carlos et al. (*) *Música na escola: jogos e instrumentos*. Belo Horizonte: Editora Projecta, 2009.

(*) Junto com José Adolfo Moura, Maria Amália Martins, Maria Betânia Parizzi Fonseca, Matheus Braga e Rosa Lúcia Mares Guia.



6. Canção registrada por Lydia Hortélio no CD *Abra a roda, tin do lê lê*, com versos de Elisa Grota Funda - Serrinha/Bahia.



Escatumbararibê Fórmula de escolha (tradicional)
Jogo de copos: Viviane Beineke

Zumi Zumi Zumi Es-ca-tum-bar-ri-be Es-ca-tum-bar-ri-be Es-ca-tum-bar-ri-be

tu-ço Au-tê-va-re-bê-ri-ça Es-ca-tum-bar-ri-be Es-ca-tum-bar-ri-be

Adaptado de Beineke e Freitas (2006, p. 38).

Legenda

- bater palma
- bater a mão em cima do copo, segurando-o pelo fundo e arrastando no chão ao virar para o lado
- bater uma mão no chão
- bater a boca do copo na mão esquerda, passando-o para esta mão
- bater o canto de fundo de copo no chão
- bater o fundo do copo na mão direita, passando o para esta mão
- bater a boca de copo no chão
- pegar o copo pelo fundo, segurando e levantando
- passar o copo para o colega da direita (sem arrastar) batendo a boca no chão

Jogo de copos



O acompanhamento com copos pode ser realizado de duas maneiras: cada participante jogando sozinho ou em roda, com os copos passando de um para outro.



No canal “escatumbararibe” do YouTube você pode observar um grupo de crianças realizando esse jogo e também assistir a alguns vídeos em que este e outros jogos de mãos e copos são ensinados.



Como brincar

Com os brincantes em roda, a canção é acompanhada pelo jogo de copos. No início, o jogo pode ser feito individualmente e depois os copos começam a ser passados na roda. Entre uma repetição e outra, o grupo pode combinar de fazer improvisos com os copos.

Quando trabalhamos esta canção com um grupo de crianças na escola, aconteceu um fato interessante. Inicialmente, o acompanhamento não previa o movimento de passar os copos na roda, mas logo que uma criança disse: “esse não tem graça”. Perguntei por que e ela logo explicou que era porque “tem que passar o copo”. E percebemos que

a passagem dos copos de um para outro na roda fazia toda a diferença: o deslocamento de um trabalho que focaliza o desafio individual, virtuosístico, tão valorizado na área da música, para um fazer coletivo, que para funcionar depende da colaboração no grupo. É justamente nessa passagem do copo entre os brincantes que se estabelece o jogo coletivo, que depende tanto do desempenho individual como grupal. Por isso, é tão importante estarmos atentos ao que as crianças nos dizem, pois podemos sempre aprender com elas, que nos dão um retorno vivo e repleto de significações sobre o trabalho que estamos desenvolvendo. Sobre isso, podemos refletir também que na relação brincadeira e escola é preciso considerar que nem sempre o que propomos para a criança como brincadeira significa brincadeira para ela. Elas precisam “se tornar donas” (Pereira, 2005b, p. 149) do trabalho para que se estabeleça o brincar em sala de aula.

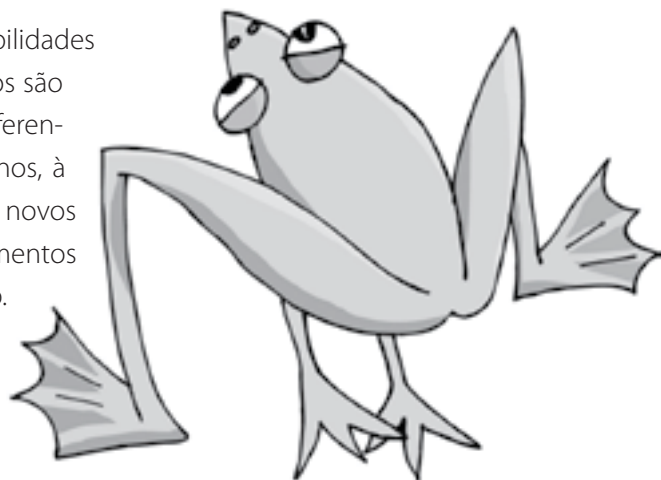
Poesia, poema e gêneros poéticos

O poeta Ricardo da Cunha Lima (2003) esclarece que os gêneros poéticos designam as categorias ou espécies de poesia, que podem ser classificadas de acordo com suas características ou assuntos. A fábula, o madrigal, a parlenda e os trava-línguas são gêneros poéticos. O autor chama de parlendas os “versos e canções muito populares, geralmente recitados para as crianças e que se caracterizam por fórmulas repetitivas, como ladainhas, transmitidas oralmente de geração em geração” (p. 53). Também é interessante saber a diferença entre poesia e poema. Como explica Lima (2000, p. 54), “poema é o produto, algo concreto, que podemos ler, enquanto poesia se refere à arte em geral, de maneira abstrata. Levando isso em conta, um livro de poesia (assim mesmo, no singular) pode conter trinta poemas (e nunca trinta poesias)”.



Travadinhas e outros poemas

O repertório que apresentamos aqui traz algumas possibilidades para o uso de jogos de mãos e copos em sala de aula. Os jogos são simples e todos eles podem ser facilmente adaptados para diferentes contextos. Podem ser complexificados pelos próprios alunos, à medida que sua execução não mais os desafia. Novas regras, novos acompanhamentos, arranjos ou adaptação para outros instrumentos musicais são possibilidades de ampliação do trabalho proposto. Entretanto, o que consideramos mais importante é o espaço para a composição que pode ser desencadeado nesse processo. Compôr com base em suas vivências e saberes



traz novos desafios. No trabalho em pequenos grupos é favorecida a interação entre os próprios alunos, que podem elaborar seu trabalho de maneira que contemple suas expectativas e saberes, atribuindo sentidos próprios às suas músicas. As vivências musicais são enriquecidas quando se pode exercer uma variedade de papéis com a música, numa consciência musical que se desenvolve quando tocamos, cantamos, ouvimos, analisamos, criticamos, improvisamos e inventamos música.

Destacamos a ludicidade poética presente nos trabalhos de Eva Furnari, que exemplificamos a seguir. Combinadas a atividades de composição de jogos de copos, têm gerado novos desafios, desencadeando jogos e brincadeiras que exploram o brincar com a música e com a palavra. A ideia é que as canções e os jogos de copos aqui apresentados sirvam como pretexto para novas invenções em sala de aula, sendo resignificadas pelos alunos, que criam novas regras, novos jogos musicais - de copos e de palavras!



Dica

No blog www.lengalalenga.blogspot.com você pode conhecer várias outros jogos, criados a partir das atividades aqui sugeridas.

Compondo com Eva Furnari

Não confunda

Não confunda
Careca banguela
Com cueca amarela.

Não confunda
Picolé salgado
Com jacaé mimado.

Fonte: Furnari (2002a).

Assim assado

Era uma vez uma menina aventureira
Navegava no sofá e voava na banheira.

Era uma vez uma velha coroca.
Carregava o gato na bolsa,
Conversava com minhoca.

Fonte: Furnari (2004).

Travadinhas

O pobre do grilo do brejo.
Predeu o brinco no prego.

A rainha do repolho refogado
Ri do rei do rabanete emburrado.

Fonte: Furnari (2003).

Você troca?

Você troca
um canguru de pijama
por um urubu na cama?

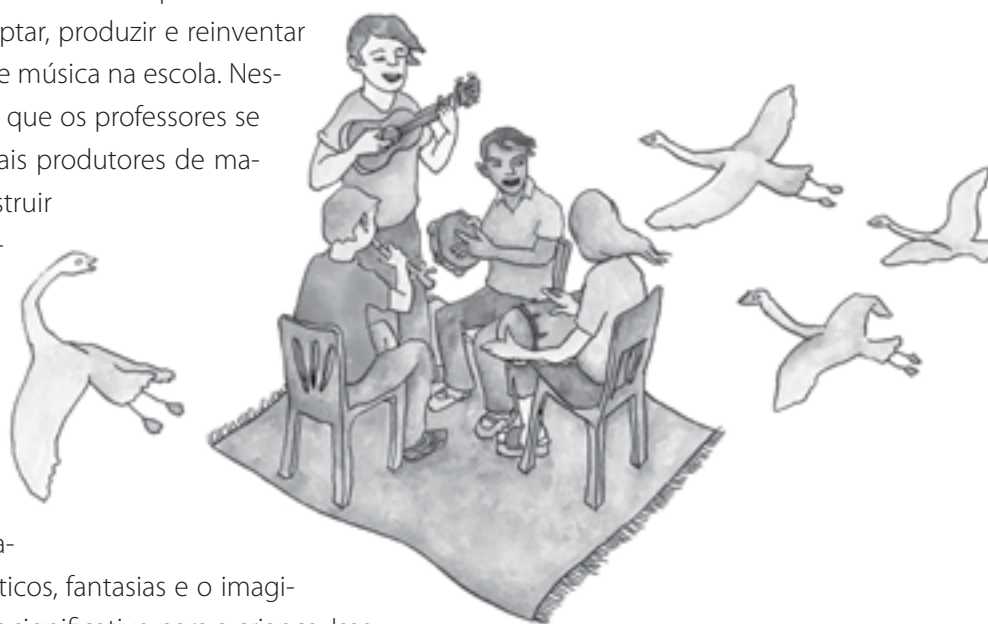
Você troca
um espião com preguiça
por um ladrão de salsicha?

Fonte: Furnari (2002b).

Considerações

Elaborar materiais didáticos é sempre um desafio para professores e professoras, quando não se deseja oferecer “receitas” para serem “aplicadas”. Acreditamos que a produção de materiais para o trabalho com música está ligada a processos de criação e recriação, sempre descortinando possibilidades de um trabalho, de outro e de mais outro. Interessante seria se, como diz Pescetti, a experiência musical com as crianças pudesse “incluir o professor como um ser humano com gostos e vivências para compartilhar” (2005, p. 39). Para isso, o professor também precisa apropriar-se criativamente das canções, dos jogos e brincadeiras. É esse o sentido que move nosso projeto: experimentar, analisar, adaptar, produzir e reinventar materiais didáticos para o ensino de música na escola. Nesse sentido, consideramos essencial que os professores se tornem menos consumidores e mais produtores de material didático, na busca por construir aprendizagens musicais significativas para os seus alunos.

Acreditamos que o uso de elementos que fazem parte do próprio universo das crianças nas brincadeiras para a sala de aula é uma forma de valorizar o saber infantil, ampliar os valores estéticos, fantasias e o imaginário, tornando o aprendizado mais significativo para a criança. Isso tanto às músicas que as crianças aprendem umas com as outras quando brincam, como também às músicas que elas compõem, inventam e reinventam quando têm espaço para isso; um espaço que o professor deve garantir em sala de aula. Trabalhando com as músicas que as crianças fazem, podemos favorecer o reconhecimento e a valorização das diferenças, à medida que aprendemos a ouvir, respeitar e compreender as vozes dos nossos alunos, em um processo comprometido com o seu desenvolvimento musical. Nessa perspectiva, o professor pode atuar como um crítico sensível e articulado às relações que se estabelecem com a música em sala de aula, auxiliando os alunos a refletirem sobre as suas práticas musicais. Ao compartilhar esse processo com os alunos, o educador musical instiga-os a construir o seu próprio conhecimento, tanto na autonomia de pensamento, quanto na fluência e na crítica musical.



Agradeço a Cláudia Ribeiro Bellochio e Áurea Demaria Silva pela leitura do texto e sugestões.

Mosaico sobre o jogo e o brincar na infância



O uso de jogos e brincadeiras é uma prática legitimada na educação musical por diversas tendências educacionais. É comum ouvirmos que as crianças “aprendem brincando”, argumento utilizado para justificar as mais diversificadas metodologias. Observando as crianças brincarem livremente, fica evidente a importância dessas atividades para o seu desenvolvimento, mas quando a brincadeira infantil é pensada do ponto de vista pedagógico, os seus usos são bastante distintos. Muitas vezes, essa ideia é transposta para o ensino de forma reducionista, colocando a brincadeira a serviço do desenvolvimento cognitivo, motor ou rítmico, entre outros. Assistimos então a uma “pedagogização” da brincadeira, quando ela perde seu caráter de experiência significativa, sendo reduzida a atividades dirigidas (Leite, 2002).

Discutindo a dimensão social do jogo, Brougère (2002) explica que o jogo só existe dentro de um sistema de interpretação das atividades humanas, porque não há, de fato, algum comportamento que permita definir claramente quando se está brincando ou não. Assim, o que caracteriza o jogo é o estado de espírito com que se brinca.

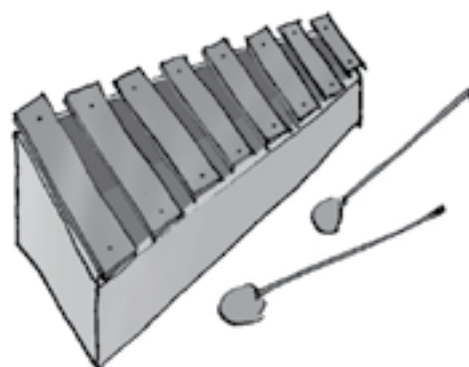


A cultura lúdica das crianças emerge e se desenvolve no próprio jogo, sendo necessário partilhar dessa cultura para poder jogar (Brougère, 2002). Assim, as crianças aprendem a jogar enquanto jogam, produzindo suas próprias significações em interação com as significações atribuídas pelos outros jogadores. Nessa perspectiva, a criança é co-construtora da cultura lúdica e as interações supõem sempre uma interpretação das significações que vão sendo atribuídas pelos participantes, que se vão adaptando e produzindo novas significações.



Sarmento (2003) esclarece que é necessário compreender as culturas infantis com base na forma como as crianças interagem com as formas culturais produzidas para as crianças pelos adultos, como também pelas formas culturais produzidas pelas próprias crianças. A ludicidade, segundo Sarmento (2004), constitui um traço fundamental das culturas infantis, embora o brincar não constitua atividade exclusiva das crianças. Para as crianças, o brincar é condição da aprendizagem e da sociabilidade, razão pela qual o brinquedo as acompanha nas diferentes fases da construção das suas relações sociais.

“A cultura infantil é uma esfera onde o entretenimento, a defesa de ideias políticas e o prazer se encontram para construir concepções do que significa ser criança – uma combinação de posições de gênero, raciais e de classe, através das quais elas se definem em relação a uma diversidade de encontros.” (Giroux, 1995, p. 49)



A brincadeira permite, a todo momento, criar novos significados e interpretações, permitindo que a criança cresça como sujeito de cultura, buscando atribuir significados à sua vida e novas maneiras de experiênciá-la (Pereira, 2005a).





Sites

6° Encontro da Canção Infantil Latino-americana e Caribenha (para acessar os textos completos das palestras acesse o link “programação”)

www.cp.ufmg.br/6encontro

Lenga la lenga: jogos de mãos e copos

www.lengalalenga.com.br

www.butia.com.uy (jogos on line)

NEM - Núcleo de Educação Musical – CEART/UFES

www.ceart.ufes.br/nem

Nupeart - Núcleo Pedagógico de Educação e Arte - CEART/UFES

www.ceart.ufes.br/nupeart

www.youtube.com/user/musicanupeart



Referências

BEINEKE, V.; FREITAS, S. P. R. *Lenga la Lengua*: jogos de mãos e copos. São Paulo: Ciranda Cultural, 2006.

BOSCH, S. *Aprendiendo de ellos*. 2007. Disponível em: < <http://papagayo.montevideo.com.uy/aprendiendo.htm> > Acesso em: 30 de maio 2007.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, T. M. (Org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. p. 19-32.

BRUM, J. *Dirección escénica de los espectáculos musicales infantiles*. Palestra apresentada no 6° Encontro da Canção Latino-americana e Caribenha, Belo Horizonte, UFMG, 2003. Disponível em: <http://jupiter.cp.ufmg.br/6encontro/port/docum/P5_Julio%20Brum.doc> Acesso em: 18 de dez. 2003.

BRUM, J. La batalla por el imaginario: hacerle cosquillas a las ideas, agitar la sensibilidad, navegar por otros mundos. In: BRUM, J. (Org.). *Panorama del Movimiento de la Canción Infantil Latinoamericana y Caribeña*: estudios, reflexiones y propuestas acerca de las canciones para la infancia. Montevideo: 7° Encuentro de la Canción Infantil Latinoamericana y Caribeña, 2005. p. 65-72.

FURNARI, Eva. *Assim assado*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2004.

_____. *Não confunda*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2002a.

_____. *Travadinhas*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.

_____. *Você troca?* 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2002b.

GIROUX, H. A. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, T. T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula*: uma introdução aos Estudos Culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 85-103.

GULLCO, J. La canción para niños en América Latina y el Caribe como “genérico musical”. In: BRUM, J. (Org.). *Panorama del Movimiento de la Canción Infantil Latinoamericana y Caribeña: estudios, reflexiones y propuestas acerca de las canciones para la infancia*. Montevideo: 7º Encuentro de la Canción Infantil Latinoamericana y Caribeña, 2005. p. 13-21.

LEITE, M. I. F. P. Brincadeiras de menina na escola e na rua: reflexões da pesquisa no campo. *Caderno Cedes*, v. 22, n. 56, p. 63-80, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n56/10865.pdf>. Acesso em: 10 de dez. 2007.

LIMA, R. C. *Cambalhota*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2003.

_____. *De cabeça pra baixo*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

_____. *Do avesso*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.

NÓBREGA, M. J.; PAMPLONA, R. *Salada, saladinha – parlendas*. São Paulo: Moderna, 2005.

PEREIRA, E. T. Brincar e criança. In: CARVALHO, A. et al. (Orgs.). *Brincar(es)*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Pró-Reitoria de Extensão/UFMG, 2005a. p. 17-27.

PEREIRA, E. T. Pandalêlé: Laboratório de brincadeiras. In: CARVALHO, A. et al. (Orgs.), *Brincar(es)*, Belo Horizonte: Editora UFMG; Pró-Reitoria de Extensão/UFMG, 2005b. p. 141-152.

PESCETTI, L. M. Canciones de siete leguas. In: BRUM, J. (Org.) *Panorama del Movimiento de la Canción Infantil Latinoamericana y Caribeña: estudios, reflexiones y propuestas acerca de las canciones para la infancia*. Montevideo: 7º Encuentro de la Canción Infantil Latinoamericana y Caribeña, 2005. p. 33-41.

QUEIROZ, M.; TADEU, E. *Direção cênica de espetáculos musicais para crianças - a experiência do Rodapião*, 2003. Disponível em: < http://jupiter.cp.ufmg.br/6encontro/port/docum/P5_Miguel%20e%20Tadeu.doc > Acesso em: 18 dez. 2003.

RESCALA, T. *Música alternativa?* Mídia alternativa. Disponível em: <<http://papagayo.montevideo.com.uy/alter.htm>> Acesso em: 30 de maio 2007.

SARMENTO, M. J. *Imaginário e culturas da infância*. Braga, Portugal, Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2003. Disponível em: <<http://www.old.iec.uminho.pt/promato/textos/ImaCultInfancia.pdf>>. Acesso em 15 de jul. de 2005.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. *Crianças e miúdos: perspectivas socio-pedagógicas da infância e educação*. Porto: Portugal, Asa, 2004. p. 9-34.

SILVA, G. F. V. *Um estudo sobre brincadeiras cantadas da infância: jogos de mãos apresentados por crianças de Florianópolis*. Trabalho de Conclusão de Curso: Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2004.

SOSSA, J. Una puesta en escena pensada en los niños o la expedición al mundo infantil. In Brum, J. (Org.), *Panorama del Movimiento de la Canción Infantil Latinoamericana y Caribeña: estudios, reflexiones y propuestas acerca de las canciones para la infancia*. Montevideo: 7º Encuentro de la Canción Infantil Latinoamericana y Caribeña, 2005. p. 73-91.

TADEU, E. Cotidiano sonoro. In: BRUM, J. (Org.). *Panorama del Movimiento de la Canción Infantil Latinoamericana y Caribeña: estudios, reflexiones y propuestas acerca de las canciones para la infancia*. Montevideo: 7º Encuentro de la Canción Infantil Latinoamericana y Caribeña, 2005. p. 59-64.